



A escola e a cultura digital: os usos dos meios e os consumos culturais de professores¹

Monica Fantin²

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC - Funpesquisa

Resumo: Diversos discursos sociais afirmam que a escola e seus professores estão em descompasso com a mídia e o uso das tecnologias e isso estaria relacionado aos consumos culturais dos professores. Mas será que é possível generalizar esse discurso? Como as tecnologias estão presentes na vida pessoal e profissional dos professores? O que os professores fazem no seu tempo livre e como usufruem dos bens culturais? Foi isso que se buscou investigar em uma pesquisa realizada com professores do ensino fundamental e algumas destas reflexões são tratadas neste artigo. A partir da construção de uma outra idéia de escola e da relação entre educação, mídia e tecnologias da informação e comunicação, análises parciais apontam indícios de uma transformação em curso no que diz respeito à presença das tecnologias e dos artefatos de mídia para além das dimensões de uso pessoal e profissional na prática docente.

Palavras-chave: escola; uso dos meios; cultura digital; práticas culturais; formação de professores

1. Repensando a escola a partir da cultura digital e da web 2.0

As novas ferramentas da assim chamada “web 2.0” estão revolucionando as práticas individuais e sociais das pessoas, sobretudo de crianças e adolescentes. As características destas tecnologias (facilidade de uso, marcada interatividade, possibilidade de autoria e sociabilidade) situam-se no meio de múltiplas redes sociais modificando o papel do usuário, na perspectiva de ser cada vez menos simples leitor e cada vez mais autor dos seus conteúdos.

As novas formas de intermedialidade demandam novas pesquisas e reflexões sobre as possibilidades da intervenção educativa na perspectiva de uma cidadania digital, diz Rivoltella (2006). A mobilidade/portabilidade e a conectividade dessas novas formas permitem maior autonomia em relação aos consumos midiáticos e a interatividade provocada pelos “novos meios” promove outros tipos e práticas de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Monica Fantin é Doutora em Educação, Professora do Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Comunicação, da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Pesquisadora do grupo de pesquisa Núcleo Infância, Comunicação e Arte, NICA, UFSC/CNPq. mfantin@terra.com.br



consumo. Se em relação às mídias tradicionais o problema que se colocava à educação era o de evitar o consumo passivo, hoje com a Internet e os celulares de “última geração” a questão que se coloca é a de educar não só para o consumo responsável mas para uma produção responsável. Através da interatividade que estas mídias propiciam, a comunicação acontece com pessoas e não só com conteúdos e as pessoas não são apenas destinatários de informações, mas produtoras e autoras de conteúdos disponíveis aos outros usuários. E isso precisa ser problematizado e discutido pela educação.

Neste sentido, as características destas tecnologias - facilidade de uso, marcada interatividade, possibilidade de autoria e sociabilidade - estão modificando não apenas o sentido da tecnologia educativa em relação ao uso que se pode fazer, mas também modificando o paradigma. Redirecionando o paradigma no qual a tecnologia era percebida como instrumento para eliminar as distâncias (ensinando e aprendendo em qualquer lugar e em qualquer momento), a um novo paradigma mais voltado ao uso das tecnologias como ferramentas para trabalhar em grupo (didática colaborativa e cooperativa) e não necessariamente a distância.

Num país como o Brasil, são as inúmeras desigualdades em relação às barreiras que separam os excluídos do acesso às tecnologias. A distância entre os que têm e os que não têm acesso ao acervo da cultura propiciado pelas mídias e as possibilidades de recriá-lo criticamente, precisa ser pensada em uma perspectiva de mediação cultural da inclusão digital. Ao discutir a mediação das tecnologias da comunicação na sociedade contemporânea, Costa enfatiza que é essencial para a educação “tornar consciente os mecanismos da indústria cultural no contexto da digitalização da informação, em termos de decifrar linguagens, funcionalidades e articulação do conhecimento com o aperfeiçoamento moral” (2007, p.3). Assim, as diferentes formas de mediação podem ser vistas como possibilidade de transcender os limites utilitaristas e o acesso meramente operacional às máquinas e aos programas, implicando uma inclusão que seja também social, cultural e política (Fantin e Girardello, 2008).

Nesta perspectiva, a escola e os professores não podem deixar de considerar as possibilidades que este novo paradigma está propiciando. Afinal, crianças e jovens que não são considerados incluídos digitalmente também acessam as tecnologias, seja nas *lan-houses* ou noutros espaços sociais, o que sugere a importância da mediação de tais relações em contextos formativos, inclusive para desmistificar o caráter fetichizante que envolve certos usos e “politizar as tecnologias”, como diz Santos (2003).



Refletir sobre o sentido do acesso, da análise (interpretação e reflexão), da avaliação e da criação, nos leva a pensar nas possibilidades de uso das tecnologias e de alfabetização/letramento digital como condição de cidadania “real e virtual”, ainda mais em contextos socioculturais em que nem a leitura e a escrita são apropriadas, o que em alguns casos sugere uma passagem da cultura oral para a digital, desafiando-nos ainda mais. Isto nos remete à discussão de conceitos a respeito das *multiliteracies*, entendida como leitura, escrita, compreensão (análise-interpretação-reflexão) e produção de diversos tipos de texto em todas as linguagens (escrita, audiovisual, musical, eletrônica, midiática, digital, etc.).

Tomando como ponto de partida a análise de como alguns meios têm sido incorporados nas práticas educativas, é possível identificar como as escolas estão lidando com as mudanças provocadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Afinal, a complexidade que envolve a presença e o uso das tecnologias nas práticas educativas precisa estar articulada a uma reconfiguração da escola, à questão da formação profissional e do novo perfil do educador em sua relação com a cultura, mídias e tecnologias.

Esse processo, longe de ser uniforme, é permeado por variáveis regulam as possibilidades de acesso e participação aos bens culturais e a escola tem um papel importantíssimo na garantia da igualdade de acesso a esses bens. Nesse sentido, a mídia-educação pode reaproximar a escola da sociedade e contribuir para modificar sua imagem e credibilidade, indo além dos discursos que apostam na renovação, inovação tecnológica e incorporação das TIC na escola. Tais ações só fazem sentido se significarem uma transformação da escola e da educação em uma perspectiva cultural, que por sua vez está articulada a perspectiva política, econômica e social.

Entre as possibilidades de transformação da escola a partir das dimensões tecnológicas, organizativas e simbólicas, a *abordagem culturalista* (“mídia-cultura”) de Jacquinet (apud Rivoltella, 2006, p.245), reconhece na mídia uma relação estrutural com a dimensão política. Neste sentido, Silverstone argumenta que tanto a política e quanto a mídia devem ser entendidas como pensamento e prática e afirma que “estudamos a mídia porque precisamos compreender como ela contribui para o exercício do poder na sociedade tardo-moderna, tanto dentro como fora do processo político estabelecido” (2005, p.283).

Ampliando a possibilidade de tal articulação, poderíamos comparar as necessidades atuais com as experiências do renascimento, em que o nosso trabalho



assemelhar-se-ia à atividade dos humanistas. Nessa perspectiva, Peres-Tornero (s/d) afirma a necessidade de obter o pensamento universal e construir novas bases para a arte e a educação, e de responder ao desafio do que pode ser entendido como um “novo enciclopedismo”. Além de assumir o desafio da disseminação pública da Internet como foi da imprensa escrita, ele convoca a utopia e a “imaginação otimista”, entre outras coisas, para reconfigurar o papel da escola.

Assim, convocando a utopia e tendo como horizonte a *Escola Estação Cultura*, entendida como um pólo irradiador de diferentes possibilidades de práticas sociais, culturais, educativas, éticas e estéticas (Fantin, 2008) é possível pensar em outras estratégias de envolvimento e participação de estudantes-professores-escola-família-comunidade no contexto maior da cultura. Essa escola propiciaria diversos tipos de encontros para além do convencional da sala de aula, abrindo-se para perspectivas plurais no campo da mídia-cultura, da inclusão social e digital e da cidadania no sentido de pertencimento social e instrumental.

Essa idéia de uma *Escola Estação Cultura* também pode se aproximar de um entendimento do que hoje poderíamos chamar de *Escola 2.0*, ou seja, uma escola que seja capaz de lidar com as ferramentas do Web 2.0 de forma crítica e criativa. Isso quer dizer uma escola na qual os professores usam as tecnologias de forma reflexiva e produtiva no cotidiano da atividade didática; uma escola na qual a atividade com os meios não é só de leitura, mas de produção; uma escola que aproveita as potencialidades dos blogs, do wiki, dos instrumentos do *social network* e que atue também na perspectiva da apropriação da *digital literacy*. Essa escola quer dizer também uma atualização da escola tradicional no sentido do trabalho autoral e colaborativo, da produção compartilhada de conhecimentos e da participação na cultura.

E foi tendo essa idéia como horizonte de escola que desenvolvemos uma pesquisa com os professores.

2. Apresentando a pesquisa e seu percurso metodológico

Tendo como pressupostos iniciais o entendimento de que a sociedade contemporânea está cada vez mais protagonizada pelas mídias e a formação de crianças e professores precisa assumir o desafio de pensar esta realidade sociocultural; que as mídias e as tecnologias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na produção e socialização de conhecimentos e na construção de



significados da nossa inteligibilidade do mundo implicando a necessidade de mediações pedagógicas que pensamos em pesquisar a questão da formação dos professores.

Tal formação pode ser entendida como possibilidade de mediações que fazem parte do campo da mídia-educação, aqui entendida como possibilidade de educar *para/sobre* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva. Esta perspectiva de mídia-educação implica uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções culturais, para produzir mídias e também para educar para a cidadania.

Neste sentido, a interação das crianças, jovens e professores com as tecnologias tem sido objeto de discussões na educação, sobretudo a respeito da inclusão digital como possibilidade de transcender os limites utilitaristas e o acesso meramente operacional às máquinas implicando uma inclusão que seja também social, cultural e política. Considerando que o saber está em toda parte e não só na escola, nos livros e no professor, uma formação cultural de professores deve envolver um acervo imagético, literário, artístico, musical das mais diversas produções culturais e uma relação significativa com as tecnologias. Dessa forma é preciso repensar a formação de professores redimensionando os usos dos meios e ampliando a apropriação dos espaços de cultura buscando a diversidade e a abertura de fronteiras que o mundo da comunicação propicia.

Foi partindo desse entendimento que realizamos uma pesquisa a fim de fazer um levantamento inicial sobre os usos dos meios e os consumos culturais de professores do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Florianópolis. Afinal, em um momento em que os cursos de licenciaturas discutem sua reforma curricular, a investigação poderia levantar subsídios para pensar uma formação mais sintonizada com os desafios da educação contemporânea.

A pesquisa “Os usos dos meios, os consumos culturais e a formação de professores em mídia-educação” está sendo realizada em parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, e a *Università Cattolica del Sacro Cuore*, UCSC, de Milão/Itália, e através do CREMIT (Centro di Ricerca sull’Educazione ai Media, all’Informazione e alla Tecnologia), onde pesquisa semelhante está sendo desenvolvida com os professores de Milão. Considerando as especificidades locais de



cada contexto sociocultural e as implicações político-pedagógicas para a formação, pretendemos refletir juntos sobre a relação dos professores com os meios e suas especificidades socioculturais. Neste momento, apresentaremos apenas os dados já evidenciados em relação ao contexto local, visto que ainda estamos em processo de análise do cruzamento dos dados com a pesquisa no contexto italiano.

Com o objetivo de identificar os usos dos meios e os consumos culturais dos professores do ensino fundamental e refletir sobre a presença dos meios e das tecnologias na produção de conhecimentos e na vida pessoal e profissional, a pesquisa fez um mapeamento dos usos dos meios e dos consumos culturais de professores do Ensino Fundamental de Florianópolis a fim de levantar subsídios para pensar a formação de professores em mídia-educação.

A análise preliminar de alguns dados locais sugere que os consumos culturais dos professores estão cada vez mais restritos aos usos domésticos e que é crescente a disponibilidade e o acesso às tecnologias na escola. Junto às possibilidades de boas práticas, a pesquisa aponta ainda que há muitas dificuldades a serem superadas e que precisam ser contempladas na formação de professores.

Percurso metodológico

Diversas questões relacionadas à vida escolar só podem ser abordadas em termos de complexidade, reflexo de relações, sistema de valores e diferentes compreensões sobre o que deve ser a escola. Quando estudamos tal complexidade na perspectiva de uma pesquisa, sabemos que corremos riscos de reduções e de limitações e que muitos conteúdos da pesquisa são reflexos das visões de quem a desenvolve. E isso nos coloca diante da necessidade de redirecionar as vozes em busca de diferentes sujeitos que participam da pesquisa, como crianças e professores. Se nas últimas pesquisas que desenvolvemos buscamos o diálogo com as crianças, nessa pesquisa os professores foram os interlocutores e co-partícipes desta reflexão.

Para investigar os modos específicos em que os meios adquirem significados na prática pedagógica dos professores precisaríamos estudar seus usos nos cenários “naturais” onde tal prática se revela. Tal pressuposto nos levou a uma pesquisa etnográfica em que esses usos dos meios e das tecnologias pudessem ser mais bem compreendidos se fossem situados no âmbito mais amplo dos consumos culturais dos professores.



No entanto, para fazer um mapeamento inicial dos usos dos meios e dos consumos culturais dos professores é necessário haver uma articulação entre as abordagens da pesquisa qualitativa e quantitativa. Mesmo sabendo que certas técnicas quantitativas possam ser consideradas desagregadoras por sua natureza, ao isolar certos elementos de ação dos contextos em que ocorrem, estes dados também podem ser significativos (Morley e Silverstone, 1993).

Assim, dessa identificação inicial, levantamos dados que estão gerando interpretações, conceitos, sínteses e propostas a partir das palavras e das ações dos sujeitos da pesquisa, o que se aproxima da abordagem ou metodologia de pesquisa *grounded theory*, traduzida no país como teoria fundamentada em dados. Esta perspectiva metodológica também dialoga com a abordagem do interacionismo simbólico, uma vez que pretendemos entender comportamentos e ações a partir do ponto de vista dos participantes e de suas interpretações em determinadas e complexas interações.

Em uma investigação qualitativa e interpretativa de aspectos da vida dos sujeitos da pesquisa, os comportamentos identificados bem como as ações e as interações a serem estudadas, revelam-se em dados vastos e difusos e sua coleta pode combinar diversos métodos: levantamentos, entrevistas, estudo de caso a serem viabilizados através de fontes primárias e secundárias. Por sua natureza flexível e aberta aos meios de comparação, as categorias de análises estão sendo estruturadas ao longo do percurso como aproximações, sendo difícil defini-las a priori de forma única e objetiva.

Além disso, levando em conta os objetivos da pesquisa interinstitucional realizada em parceria decorrente do convênio internacional, a integração e a qualificação teórica dos pesquisadores, foi um primeiro passo para planejar a realização das pesquisas em seus respectivos contextos. Isso envolveu estudo e discussão em torno das concepções teórico-metodológicas norteadoras da pesquisa em comum, e tem acontecido durante o desenvolvimento da pesquisa. Tais procedimentos estão sendo viabilizados a partir de diversos encontros e reuniões presenciais e *on line* entre seus coordenadores. Afinal, as tecnologias que nos oferecem meios para aprender e compartilhar, também nos permitem organizar atividades construtivas de discussão e troca de idéias. Nesta pesquisa, o uso das capacidades comunicativas da tecnologia, além de ser um dos temas ligados ao objeto da investigação, está servindo para apoiar o desenvolvimento dos trabalhos dos grupos de pesquisa. E esse caráter colaborativo é fundamental para a realização desta investigação.



Como toda pesquisa, iniciamos a pesquisa com estudos teóricos sobre o campo temático e com um levantamento bibliográfico sobre o estado da arte. Como a pesquisa buscou fazer um mapeamento inicial sobre o uso dos meios e os consumos culturais dos professores, a perspectiva metodológica pretendia situar tais comportamentos e as ações a partir do ponto de vista dos participantes e de suas interpretações nas complexas interações que eles estabelecem na vida pessoal e profissional. Assim, fizemos uma investigação qualitativa de aspectos da vida dos professores identificando comportamentos, ações e interações com a temática através da aplicação de questionários.

Sendo a pesquisa realizada em parceria, os procedimentos adotados em Florianópolis e Milão foram similares considerando as questões gerais e as especificações locais de cada contexto. Os diferentes calendários escolares foram respeitados e visto que o ano letivo em cada país obedece a datas diferentes, foi necessário um ajuste constante.

Juntamente com os estudos teóricos, elaboramos o questionário e fizemos os contatos necessários para viabilizar a pesquisa empírica. Após contato com os responsáveis na Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (SME) a fim de obter autorização para a pesquisa, estabelecemos uma forma de parceria com o Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE/SME). Em reunião com a equipe do NTE e as coordenadoras das salas informatizadas de cada escola, foram explicados os objetivos e a importância de divulgar a pesquisa entre os professores da rede pública municipal a fim de saber quem estaria interessado em participar da investigação. Este levantamento foi feito pelas coordenadoras das salas informatizadas que anotaram nomes e endereços eletrônicos de cada professor interessado.

A partir do retorno recebido neste levantamento, foram escolhidas 5 escolas cujos professores demonstraram maior interesse em participar da pesquisa, totalizando em torno de 80 participantes. Após um contato pessoal da pesquisadora com cada diretor das respectivas escolas, iniciamos a etapa de coleta de dados.

Como o questionário seria respondido on line, com uma base digital na UCSC de Milão, cada professor recebeu um convite via e-mail para participar da pesquisa, cadastrar-se no sistema e responder ao questionário seguindo as orientações dadas. O questionário on line ficou disponível por dois meses e cerca de 50 professores responderam efetivamente do início ao fim. Destes, 40 manifestaram interesse em



continuar participando da segunda etapa da pesquisa, que após análise parcial dos dados envolveu entrevistas e grupos focais a fim de qualificar melhor as dificuldades encontradas e as boas práticas desenvolvidas pelos professores.

3. Alguns resultados

Pesquisa realizada pela UNESCO (2004) traçou um perfil dos professores brasileiros mostrando que a frequência a eventos culturais é bastante restrita e que metade dos entrevistados não possuem computador em casa nem usa Internet. Este quadro parece ser um pouco diferente em Florianópolis, que apresenta o dobro da média nacional em relação aos domicílios que possuem computador conectado à rede de Internet. No entanto, este número ainda é pequeno e a pesquisa revela que além do pouco consumo cultural também pode haver outras formas e situações de exclusão digital entre os professores.

O perfil dos professores que participaram da pesquisa revela que 84,3% são mulheres e 15,7% são homens. A maioria está na faixa etária entre 30 e 40 anos; 80,4% são professores efetivos e 60,8% possuem formação escolar com pós-graduação em nível de especialização.

Uma análise parcial sobre os usos pessoais e profissionais dos meios e tecnologias, bem como sobre os consumos culturais dos professores que participaram da pesquisa pode ser sintetizada:

Acesso e usos

- Acesso e posse de equipamentos: 100% possuem televisão, aparelhos de som e máquinas fotográficas; cerca de 95% possuem computadores conectados à rede de Internet e 96% possuem celular.
- Usos e consumos televisivos: 74,5% assistem TV diariamente e os programas preferidos são os noticiários; 43% destes fazem referências aos programas de televisão em sala de aula.
- Uso de vídeo/DVD: 47% dos professores assistem a filmes pelo menos uma vez por semana e 75% deles raramente usam vídeo/DVD na escola. Quando usado, na maioria das vezes aparece para enriquecer conteúdos e para análise crítica.
- Acesso e uso do cinema: 49% raramente freqüentam salas de exibição, raramente comentam os filmes com seus alunos e raramente os levam ao cinema.



- Uso de máquina fotográfica: 100% costumam fotografar ocasiões especiais, sendo que apenas 12% dizem nunca ter usado a fotografia na escola.
- Acesso e uso de jornal impresso: 100% dos professores lêem jornal e 39,2% diariamente; destes apenas 6% nunca usaram o jornal na escola;
- Filmadora, gravador de áudio, videogame e MP3 parecem estar pouco presente na vida dos professores e no uso escolar.
- Uso do celular: 84% usam diariamente sendo que destes, apenas 16% dizem ter usado celular em situações de ensino-aprendizagem.
- Uso do computador: 74,5% usam diariamente e destes, 92,2% usam para preparar materiais didáticos; 86% usam o computador com seus alunos e 72,1% para atividades de produção de textos.
- Acesso e uso da Internet: 72,5% acessam a rede diariamente; 96,1% usam para pesquisa e 98% para correio eletrônico. Destes, 90,2% acessam em casa, sendo que 81% possuem MSN, 78% possuem endereço no *orkut*, 21% possuem *blog* e 16,7% possuem página pessoal. 77% usam a Internet em suas aulas e a maioria como fonte de pesquisa.

Dificuldades encontradas

- Nas dificuldades mencionadas pelos professores a pesquisa aponta que: 82% alegam a falta de conhecimentos específicos para trabalhar com os meios e as ferramentas; 74% indicam a falta de infra-estrutura e condições de acesso; 66% dizem que falta formação inicial e continuada; 48% indicam a falta de tempo para aprender a usar; e 22% assinalam outras dificuldades. Tais dados confirmam a necessidade da formação comentada anteriormente para justificar a importância desta pesquisa e necessidade de propostas neste sentido.

Consumos culturais e tempo livre

- Em relação aos consumos culturais: 100% assistem a programas de televisão; 45% dos professores raramente vão ao cinema; 27,5% raramente lêem livros de literatura; 56% raramente vão a shows musicais; 53% raramente vão ao teatro; 56,9% raramente frequentam museus e galerias de arte. Mas 70,6% vão aos centros comerciais, *shopping center*, pelo menos uma vez por mês.
- Nas atividades de tempo livre: 92,2% navegam na Internet; 86,3% lêem revistas; e 70% participam de atividades de estudo e formação. Entre outras formas de



participação, 51,4% dizem participar do sindicato e 42,9% de alguma instituição ou entidade religiosa.

Embora alguns dados falem por si, é necessário aprofundar esta análise e reflexão.

4. Mídia, tecnologia e práticas culturais: para além das dimensões de uso pessoal e profissional

É freqüente ouvirmos que os professores não possuem um bom capital cultural, que não sabem usar o computador, que não aproveitam as potencialidades que as tecnologias oferecem, e que isso os deixariam cada vez mais “atrasados” em relação aos seus alunos, que estariam a alguns passos à frente, usando os meios eletrônicos e digitais com grande habilidade. Mas será que é possível generalizar esse discurso?

Como moldura teórica inicial de nossa reflexão, entendemos que o consumo cultural (e/ou consumo midiático) é uma prática através da qual os sujeitos elaboram, transmitem e recebem os conteúdos simbólicos que, em relação às mídias, diz respeito a atividades de consumo que não sejam somente receptivas. É possível consumir/ser consumidor, elaborar, produzir e transmitir ao mesmo tempo, como também é possível receber e não elaborar, receber e elaborar, e construir e transmitir diversos tipos de conteúdos.

Nesta perspectiva, o conceito de consumo envolve outros três conceitos: *usos*, *representações e apropriações*. O consumo é feito de uso e as dimensões de *uso* envolvem lugar, tempo e modos de consumo. Quando descrevemos os usos do consumo dos meios descrevemos substancialmente onde, como e quando ou por quanto tempo se usa. Sendo uma descrição de comportamento, fenomênica, não nos interrogamos sobre os tipos de experiências que aquela atividade produz, apenas descrevemos um uso. No entanto, este uso está sempre acompanhado de *representações*, imagens e sistemas de atenção que precedem e acompanham os usos. A *apropriação*, por sua vez, diz respeito à incorporação dos meios no sistema de vida individual e social do sujeito. Assim, quando as mídias fazem parte da vida do sujeito e integram seu sistema de relações sociais junto às pessoas com as quais se relaciona, há uma forma de apropriação dos meios.

Neste quadro, a análise dos dados da pesquisa revela uma forte relação entre as dimensões de uso, representação e apropriação dos meios com os consumos culturais dos professores.



Um dado inicial a ser considerado é que a própria escolha metodológica já revela uma interação com as tecnologias, pois os professores que aceitaram participar da pesquisa deveriam ter, no mínimo, um endereço eletrônico, visto que o questionário era on line. No entanto, o princípio educativo da pesquisa também foi instrumento de pertencimento, pois alguns professores que não possuíam e-mail e nem sabiam usar correio eletrônico sentiram-se motivados para aprender a usar e assim poder participar da pesquisa.

Em relação aos recursos disponíveis, que coincidem no ambiente doméstico e escolar, os usos revelam que os professores possuem hábitos consolidados de acesso e navegação na web. No entanto, parece haver um fenômeno instigante: ao mesmo tempo em que os ambientes de alta densidade tecnológica coincidem com as preferências de uso da Internet no tempo livre, o mesmo não ocorre em relação a outras práticas culturais, como ir ao cinema, teatro, etc.

Apesar de ainda não ser possível uma análise conclusiva, evidencia-se uma transformação dos hábitos culturais em ambientes de alta densidade tecnológica fazendo com que haja uma interação cada vez maior com as tecnologias. Quando os professores incorporam novos hábitos de consumo midiático, isso parece repercutir positivamente no fazer docente e ainda que predomine um uso instrumental dos meios na escola, o sentido da apropriação indica uma perspectiva crescente de produção de mídias, sobretudo relacionadas ao uso das câmeras fotográficas, de vídeo/DVD, computadores e acesso à Internet. No entanto ainda não é possível afirmar que esta prática pedagógica seja transformadora, pois quando os professores apontam as dificuldades encontradas, percebe-se que a inclusão digital, apesar de estar fortemente relacionada à posse de equipamentos eletrônicos e digitais, não se reduz a isso e necessita mediações.

Diante desse quadro, o mapeamento sobre os usos dos meios e os consumos culturais dos professores feito nesta etapa da pesquisa sugere algumas tendências de uso e formas de apropriação. Nesse sentido, elaboramos uma pré-categorização de possíveis perfis docentes em relação aos usos das mídias: não usuário; resistente; principiante; praticante; pioneiro. Com a continuidade da pesquisa, a análise das entrevistas e dos grupos focais permitirão o cruzamento dos dados dos perfis docentes em relação aos consumos culturais verificando hipóteses de uso dos meios com caráter transmissivo, colaborativo, instrumental e crítico-produtivo. Assim poderemos chegar a uma sistematização cruzando tal pré-categorização com as diferentes nuances das formas de



apropriação dos diferentes meios e os consumos culturais dos professores no sentido da fruição, instrumentalização, produção e reflexão.

Por fim, é importante ressaltar que essa investigação não pretende generalizações e que a partir do aprofundamento da análise local, discutiremos as respostas nos diferentes contextos pesquisados. Considerando as variáveis socioeconômicas e culturais condicionantes dos usos será possível problematizar as respostas dadas para refletir sobre as formas de apropriações das mídias e as necessárias mediações. Com isso esperamos contribuir com a elaboração de propostas para a formação de professores no campo da mídia-educação.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais e globalização*. 6ª. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

COSTA, B. C. G. Mediação tecnológica, efeitos estéticos e educação. In *Anais do XXX Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação*, INTERCOM, Santos, 2007.

CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. 18ªed., Campinas:Papirus, 1989.

FANTIN, M. *Mídia-educação: conceitos, experiências diálogos Brasil-Itália*. Cidade Futura: Florianópolis, 2006.

_____. Projeto Funpesquisa “Os usos dos meios, os consumos culturais e a formação de professores em mídia-educação”. Florianópolis, UFSC, 2007.

_____. Relatório do Projeto Funpesquisa “Os usos dos meios, os consumos culturais e a formação de professores em mídia-educação”. Florianópolis, UFSC, 2008.

_____. Do mito de Sísifo ao vôo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultural. In FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. *Liga, roda, clica: estudos em mídia, infância e cultura*. Campinas: Papirus, 2008.

FANTIN, M.;GIRARDELLO, G. Digital literacy and cultural mediations to the digital divide. In RIVOLTELLA, P.C. *Digital literacy: tools and methodologies for Information Society*. Herhsey: Igi Publishing, 2008.

MORLEY, David y SILVERSTONE, Roger. Comunicación y contexto: la perspectiva etnográfica en los sondeos de opinión. In JENSEN, K, B e JANKOWSKI, N.W. *Metodologias cualitativas de investigacion em comunicacion de masas*. Barcelona, Bosch Casa Editorial.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (org.) *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro:Loyola, 2006.



PÉREZ-TORNERO, J. M. Digital Literacy and Media Education: na Emerging Need. In <http://www.elearningeuropa.info/directory/index.php?page=doc&docid=4935&doclng=6> (Acesso em 16/12/07).

RIVOLTELLA, P. C. *Media education: fondamenti didattici e prospettive di ricerca*. Brescia: Editrice La Scuola, 2005.

_____. *Screen Generation: gli adolescenti e le prospettive dell'educazione nell'età dei media digitali*. Milano: Vita e Pensiero, 2006.

SANTOS, L.G. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-econômico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed.34,2003.

UNESCO. *O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*. São Paulo: Moderna, 2004.